

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

HAMLET

William Shakespeare · 1601

*O espectro do rei manda o filho vingá-lo, e o príncipe da
Dinamarca pensa antes de agir.*

A OBRA

TÍTULO ORIGINAL	The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark
PUBLICAÇÃO	Escrita por volta de 1600-1601; primeira edição em 1603
GÊNERO	Tragédia de vingança em cinco atos
CENÁRIO	O castelo de Elsinore, na Dinamarca
ÉPOCA	Uma Dinamarca de lenda, em guerra latente com a Noruega
NARRADOR	Não há: peça de teatro, em verso e prosa
PROTAGONISTA	Hamlet, príncipe da Dinamarca

TEMA CENTRAL

Um príncipe recebe de um espectro a acusação de que o tio matou o pai e a ordem de vingar, e a peça mede o que se faz com uma verdade cuja fonte pode estar envenenada: agir ou não agir? A pergunta não é só se a acusação do espectro é verdadeira, é o que se faz com ela. A hesitação de Hamlet vem de razões que o texto põe em cena, a dúvida sobre a natureza do espectro, a exigência de prova diante de uma corte em que a justiça pertence ao rei e a repulsa de matar com as próprias mãos, e o resultado é uma tragédia em que cada armadilha se fecha sobre quem a armou e a vingança só se cumpre quando já não há tempo de escolher.

O FIO QUE ATRAVESSA A OBRA

Os fios que atravessam os cinco atos: a cena do ator que chora por Hécuba, o espectro debaixo do palco, a lente confessional, os três filhos vingadores, o monólogo que muda de assunto, o motivo do rato, a hesitação lida por Lacerda e o controargomento de Eliot.

ATO II, CENA 2: "QUE É HÉCUBA PARA ELE?"

Na **cena 2 do Ato II**, um grupo de atores chega a Elsinore e Hamlet pede um discurso: o relato da queda de Troia e da morte de Príamo, em que o Ator, ao evocar o luto de Hécuba, a rainha troiana, empalidece e verte lágrimas por uma dor que não é sua.

Sozinho, Hamlet se flagela. O monólogo começa marcando a própria solidão:

E chega à pergunta que lhe dá nome:

Se um ator, por uma ficção, chora por Hécuba, como pode ele, com um pai assassinado e causa real, permanecer inerte? Lacerda marca a mudança de registro que a cena traz: até aqui Hamlet falava em prosa, disfarce da loucura fingida, e é para dizer isto que ele passa ao verso.

O que quase toda leitura corta, e é o fim do mesmo monólogo, é que Hamlet dá a razão de não ter agido, e ela não é fraqueza:

Ou seja: a peça responde à pergunta antes que a crítica a faça. A Ratoeira não nasce da vergonha diante do ator, nasce da necessidade de prova, e o ato fecha com o plano dito em duas linhas:

O discurso do Ator é justamente a matéria de Virgílio (a queda de Troia e a fuga de Enéias, o relato a Dido): Shakespeare faz o épico romano entrar na tragédia inglesa pela boca de um ator.

ATO 1, CENA 5: O ESPECTRO DEBAIXO DO PALCO

Na **cena 5 do Ato I**, depois de a aparição se retirar, a voz do espectro grita debaixo do palco, mandando os companheiros jurarem sobre a espada, e Hamlet responde de cima, falando com ele como quem fala com um camarada no porão. Antes de qualquer doutrina, a peça informa a natureza do fantasma por uma posição física no teatro, e não deixa isso por conta da encenação: é o próprio Hamlet quem nomeia o lugar de onde a voz vem.

A pena que o espectro descreve é temporária, o que é o argumento inteiro do purgatório. Não é um condenado do inferno falando, é alguém cumprindo prazo:

As duas passagens puxam para lados opostos e as duas estão no mesmo texto, a poucos versos uma da outra, e é por isso que a ambiguidade da peça não se resolve escolhendo uma. A posição diz inferno, a doutrina diz purgatório. Quem lê só a fala vê Greenblatt, quem olha o palco vê Prosser.

No palco elisabetano, o espaço sob o tablado valia por convenção como o inferno, e o alçapão funcionava como boca do inferno. A passagem é conhecida na fortuna crítica como *cellarage scene*. Eleanor Prosser, em *Hamlet and Revenge* (1967), sustenta que o espectro é um demônio tentador e que a vingança é armadilha moral. Stephen Greenblatt, em *Hamlet in Purgatory* (2001), lê a mesma aparição como descrição de um purgatório, doutrina abolida na Inglaterra protestante, o que desloca a chave de demoníaca para confessional.

As duas leituras não se anulam: a ambiguidade parece construída, e o próprio Hamlet monta A Ratoeira justamente porque não confia no que o espectro lhe disse.

Vale marcar o alcance disso, porque é o que separa esta leitura da freudiana: se a hesitação tem causa na dúvida sobre a natureza do espectro, ela é um problema de discernimento, e a demora é prudência, não sintoma. A peça fornece o motivo em cena, na Ratoeira, e não precisa de nenhum conteúdo recalcado para explicá-la.

Duas confirmações cênicas foram levantadas ali: o espectro se retira sempre que o galo canta (o mesmo galo do episódio de Pedro) e os personagens batem no chão, sob o qual estão os demônios. Daí saiu a pergunta que virou espinha do encontro, demônios mentem ou dizem a verdade, e a resposta construída pelo grupo, que dizem a verdade quando a verdade é o que faz a pessoa fazer o que eles querem. A fórmula da peça foi então traduzida para a chave do encontro: ser ou não ser é agir ou não agir.

CATÓLICO CONTRA PROTESTANTE: A LENTE CONFESSIONAL

O espectro descreve o suplício temporário de quem foi ceifado sem confissão e sem unção (**cena 5 do Ato I**), isto é, um purgatório de doutrina católica, dito num reino que a peça povoa de sinais protestantes: Hamlet e Horácio estudam em Wittenberg, a universidade de Lutero, e Cláudio insiste para que o príncipe não volte para lá (**cena 2 do Ato I**). Cláudio ajoelhado tenta rezar e reconhece que a

oração não vale enquanto ele mantiver o que o crime lhe deu (**cena 3 do Ato III**). Ofélia recebe exéquias encurtadas porque as circunstâncias da morte são suspeitas (**cena 1 do Ato V**).

É a linha de Greenblatt: a peça vive do atrito entre uma escatologia católica que a Reforma inglesa tinha acabado de proibir e um mundo já protestante. Sobre o próprio Shakespeare católico, hipótese antiga e viva, não consenso: os argumentos usuais são o testamento espiritual atribuído a John Shakespeare, o pai, e a teoria de Lancashire sobre os anos perdidos. Não há prova documental.

No encontro, o John declara acreditar num Shakespeare católico, avisa que há teorias para os dois lados e afirma que isso muda a compreensão do livro. Registro de vocabulário para quem reouvir a gravação: na fala ele usa "cristão" onde quer dizer católico.

OS TRÊS FILHOS VINGADORES: HAMLET, LAERTES E FORTIMBRÁS

Três filhos de pais mortos ou humilhados, e a peça mede um contra o outro. **Laertes** volta da França e age rápido demais, e por isso é manipulado por Cláudio até a lâmina envenenada. **Fortimbrás** marcha sem hesitar por um pedaço da Polônia que não vale nada, e é vendo essa marcha que Hamlet se acusa de inação (**cena 4 do Ato IV**).

Hamlet hesita, e é o único dos três que interroga o próprio papel: qual seria a atitude esperada de um príncipe da Dinamarca cujo pai foi assassinado e cujo trono foi tomado.

Na **cena 2 do Ato V**, a ordem final é de Fortimbrás, não de Horácio (a correção importa para o debate sobre heroísmo):

A diferença muda o peso da frase: quem certifica o heroísmo de Hamlet por hipótese, e no futuro do pretérito, é o rival ativo que acabou de reivindicar o trono, não o amigo. A **Horácio** cabe outra tarefa, contar a causa de Hamlet a quem não a conhece. Quem julga é o vencedor, quem narra é o sobrevivente.

E o herói chega ao fim tendo trocado de doutrina, o que a leitura pela hesitação não costuma registrar. No Ato V ele já tem a prova na mão, mostra a Horácio o despacho do rei e reafirma que lhe cabe matar Cláudio, e é nesse ponto que responde ao receio do amigo com outra linguagem:

A frase é paráfrase de Mateus 10, 29, e Lacerda o aponta. Quem só chegou a agir depois de ter a prova certa termina dizendo que basta estar pronto, o que é o oposto exato do método da Ratoeira. Ver Bíblia. As últimas palavras confirmam o abandono:

A comparação entre os três vingadores é lugar clássico da leitura da peça, e nenhum dos três oferece a resposta limpa: um age cedo demais, outro age por nada, o terceiro não age.

SER OU NÃO SER: O MONÓLOGO QUE MUDA DE ASSUNTO

O terceiro monólogo, na **cena 1 do Ato III**, abre com o verso mais citado da literatura ocidental:

Lacerda observa uma virada de foco que a fama do verso encobre: nos dois monólogos anteriores Hamlet fala de si, do próprio caso, do próprio ódio, e aqui ele passa a falar da condição humana em geral, dos que sofrem todos os dias, e o príncipe egocêntrico começa a se dissolver no súdito

qualquer. O verso não pergunta uma coisa só, pergunta várias ao mesmo tempo: a ação deve acontecer ou não, ele morrerá ao atentar contra o rei, e se a vida é isto, por que continuar.

O que o impede não é mais o que o impedia antes. No primeiro ato, o que barrava o suicídio era o castigo eterno reservado a quem tira a própria vida. Aqui a barreira mudou de natureza, e é mais funda:

Lacerda anota que esse medo dos próprios sonhos, na leitura de muitos espectadores de hoje, vira medo do inconsciente descontrolado, um problema freudiano que Hamlet estaria tendo uns quatrocentos anos antes da hora. Vale registrar como leitura recebida, não como tese da peça, e ver Parricídio e Complexo de Édipo, onde a disputa entre a peça e a psicanálise está montada.

O monólogo fecha com a formulação que dá o nome tradicional à peça, a tragédia da hesitação:

O MOTIVO DO RATO: A RATOEIRA E POLÔNIO

Na **cena 2 do Ato III**, Cláudio pergunta o nome da peça que os atores vão encenar:

O título é improvisado do personagem, e não o nome da peça encenada. Lacerda registra que, em cena anterior com os atores, já ficara dito que o nome verdadeiro é *O assassinato de Gonzago*: Hamlet troca o título na hora, diante do rei, e ainda acrescenta que a armadilha não pega quem tem a alma limpa.

Duas cenas depois, na **cena 4 do Ato III**, Hamlet finca a espada no arrás:

E o rato é **Polônio**.

A armadilha montada para apanhar o rei funciona, arranca a confissão de Cláudio, e o primeiro bicho que ela apanha de fato é o alvo errado, morto atrás de uma cortina. É a peça inteira em miniatura: a ação de Hamlet acerta, mas nunca onde ele mirou. O insulto é do personagem: no encontro, o próprio John corrigiu o retrato, Polônio não era um rato, era o cortesão do fuxico, que não agrega e gera discórdia.

A Ratoeira funciona duas vezes, o que quase ninguém conta. Ela prova a culpa para Hamlet, e prova também para a plateia, porque logo depois Cláudio confessa sozinho, sem ninguém ouvindo (**cena 3 do Ato III**):

A partir daí a peça não tem mais dúvida sobre o crime, só sobre o que fazer com ele. É o ponto exato em que a tragédia deixa de ser sobre discernimento e passa a ser sobre ação.

E a mesma cena guarda a ironia mais cruel da peça. Hamlet passa por trás do rei ajoelhado, decide não matar quem está rezando para não mandá-lo ao céu, e vai embora. Um segundo depois, Cláudio diz o que ele precisava ter ouvido:

A oração não subiu. Hamlet poupou um homem que não estava em estado de graça coisa nenhuma, e poupou por causa de uma teologia que a própria cena acabava de desmentir, sem que ele ficasse para ouvir.

COMO LACERDA LÊ A HESITAÇÃO: QUATRO ORDENS DE RAZÃO

O comentário de Lacerda é o mais útil desta edição, porque ele desmonta a hesitação em razões de naturezas diferentes, em vez de a explicar por um defeito de caráter. São quatro, e vão do corpo à metafísica: a repugnância instintiva a matar alguém com as próprias mãos, que ele chama de inclinação pró-vida e nada complexa; o choque entre dois códigos de justiça, o feudal, em que a vingança pessoal era normal, e o renascentista, em que a justiça do rei tem de ser acionada antes, e Hamlet é estudante universitário, produto do humanismo; a exigência de prova concreta para legitimar o castigo perante a sociedade; e o medo de tomar a aparência pela realidade, que a própria cena do ator chorando por Hécuba acabou de ilustrar. Só depois de todas essas vem o dilema ação contra reflexão, que a crítica costuma tratar como se fosse o único.

Isto conversa de frente com a leitura do espectro e as duas se reforçam: se a demora tem quatro causas declaradas no texto, a leitura que a explica por conteúdo recalcado não está preenchendo uma lacuna da peça, está substituindo o que a peça já diz. E vale notar contra quem Lacerda escreve: ele ataca de passagem a hipótese, atribuída a um crítico americano que não nomeia, de que Hamlet adiaria a vingança por suspeitar que Cláudio seja o pai verdadeiro. O argumento dele é de cronologia, e é bom: o caso teria de durar dezoito anos, e ninguém na corte teria deixado de comentar. É afirmação sem fonte nomeada.

A TRAGÉDIA DOS ESPECTADORES

A tragédia empilha espectadores (Pirro suspenso no ar sem golpear e Hécuba contemplando, na **cena 2 do Ato II**, o Ator chorando por dor alheia, Hamlet vendo o reino apodrecer) e depois julga o espectador.

CONTROARGUMENTO: A PEÇA É UM FRACASSO ARTÍSTICO?

T. S. Eliot, em *Hamlet and His Problems* (1919), chama a peça de fracasso artístico porque a emoção de Hamlet excede os fatos que a peça oferece, sem encontrar o que ele batizou de correlato objetivo.

Antes dele, Johann Wolfgang von Goethe, em *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), com a imagem do carvalho plantado num vaso precioso que se despedaça, e Coleridge, com o homem em quem o pensamento devora a ação. A. C. Bradley, em *Shakespearean Tragedy* (1904), corrige os dois: o problema não é fraqueza de vontade, é melancolia.

O ponto de atrito é sempre o mesmo fenômeno com o sinal trocado: o personagem não cabe na peça. A discussão é se isso é defeito ou recurso.

ENREDO

Em Elsinore, na Dinamarca, o rei morreu há pouco, o irmão dele, Cláudio, ocupa o trono e se casou com a viúva, Gertrudes, e o príncipe Hamlet, que estudava em Wittenberg, é mantido na corte. Uma aparição com o rosto do rei morto anda pelas muralhas e diz ao príncipe que foi assassinado e que ele deve vingá-lo. A peça acompanha, em cinco atos, o que Hamlet faz e deixa de fazer com essa ordem, e como a demora arrasta a corte inteira.

ATO I

Numa noite gelada, as sentinelas e Horácio, amigo de Hamlet, veem o Espectro, com a armadura do rei morto, e resolvem contar tudo ao príncipe (cena 1 do Ato I). Na corte, Cláudio anuncia o casamento com Gertrudes, pede a Hamlet que deixe o luto e não volte a Wittenberg, e Hamlet, sozinho, lamenta a pressa do casamento (cena 2 do Ato I). Laertes parte para a França depois de avisar a irmã, Ofélia, de que o amor do príncipe é passageiro, e o pai dos dois, Polônio, proíbe a filha de voltar a falar com Hamlet (cena 3 do Ato I). Hamlet segue o Espectro pelas muralhas (cena 4 do Ato I) e ouve dele que foi envenenado por Cláudio, que lhe despejou veneno no ouvido enquanto dormia no pomar, e que deve ser vingado, com Gertrudes poupada. Hamlet jura, faz os amigos jurarem silêncio sobre a espada e avisa que vai fingir loucura (cena 5 do Ato I).

ATO II

Polônio manda um espião a Paris vigiar Laertes e conclui, pelo relato assustado de Ofélia sobre a visita desganhada do príncipe, que Hamlet enlouqueceu de amor (cena 1 do Ato II). Cláudio e Gertrudes chamam os amigos de infância de Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern, para sondá-lo, enquanto Polônio lê ao rei uma carta de amor do príncipe e propõe espioná-lo com Ofélia. Hamlet zomba de Polônio, arranca dos amigos a confissão de que foram chamados e acolhe um grupo de atores, a quem pede uma fala sobre Pirro e Príamo e a peça *O assassinato de Gonzago*. Sozinho, censura a própria inação e decide testar o rei pelo teatro (cena 2 do Ato II).

ATO III

Cláudio e Polônio se escondem para espiar o encontro de Hamlet com Ofélia. Hamlet entra falando sozinho sobre viver e morrer, trata Ofélia com dureza e a manda para um convento, e Cláudio, convencido de que aquilo não é amor, decide enviá-lo à Inglaterra (cena 1 do Ato III). Na peça encenada diante da corte, o ator derrama veneno no ouvido do rei adormecido, Cláudio se levanta e sai, e Hamlet se convence da culpa dele (cena 2 do Ato III). Sozinho, o rei confessa o crime e tenta rezar, mas não consegue enquanto conserva a coroa e a rainha, e Hamlet, que o encontra de joelhos, poupa-o para não mandá-lo ao céu (cena 3 do Ato III). No quarto da rainha, Hamlet atravessa com a espada a cortina atrás da qual Polônio se escondia, censura a mãe diante dos retratos dos dois maridos, vê o Espectro, que Gertrudes não vê, e sai arrastando o corpo (cena 4 do Ato III).

ATO IV

Gertrudes conta a Cláudio que Hamlet matou Polônio, e o rei decide embarcá-lo para a Inglaterra (cena 1 do Ato IV). Hamlet esconde o corpo e responde por enigmas a Rosencrantz e Guildenstern (cena 2 do Ato IV) e ao rei, que o despacha para a Inglaterra e revela, sozinho, que as cartas ao rei inglês pedem a morte do príncipe (cena 3 do Ato IV). Numa planície, Hamlet vê o exército de Fortimbrás marchar por um pedaço de terra sem valor e se censura por não vingar o pai (cena 4 do Ato IV). Ofélia enlouquece e canta sobre o pai morto e o amor perdido, e Laertes, de volta da França, invade o castelo exigindo satisfação, até aceitar ouvir Cláudio (cena 5 do Ato IV). Horácio recebe uma carta de Hamlet, que escapou de um navio pirata e volta à Dinamarca (cena 6 do Ato IV). Cláudio arma com Laertes um duelo em que a espada de Laertes terá a ponta envenenada, com um cálice envenenado de reserva, e Gertrudes anuncia que Ofélia se afogou num riacho (cena 7 do Ato IV).

ATO V

No cemitério, dois coveiros cavam a cova de Ofélia, Hamlet tem nas mãos o crânio de Yorick, o bobo do pai, e chega o cortejo da moça. Laertes salta na cova, Hamlet se revela e pula atrás dele, e os dois lutam até serem separados (cena 1 do Ato V). Hamlet conta a Horácio que trocou no navio a carta que ordenava a sua morte por outra que condena Rosencrantz e Guildenstern, e aceita o duelo com Laertes. Gertrudes bebe o vinho envenenado, Laertes fere Hamlet com a espada envenenada e, trocadas as armas, é ferido por Hamlet com a mesma espada. Laertes acusa o rei, e Hamlet crava a lâmina nele e o faz beber o vinho, pede a Horácio que conte a sua história, ouve os canhões de Fortimbrás, indica-o como sucessor e, depois de dizer que o resto é silêncio, morre, e Fortimbrás, que chega ao castelo, encontra a família real morta (cena 2 do Ato V).

RESUMO E ANÁLISE

ATO 1: O ESPECTRO E A ORDEM DE VINGANÇA

CENA I: AS SENTINELAS VEEM O ESPECTRO

Na muralha, à meia-noite, Bernardo rende Francisco e espera **Horácio** e Marcelo. Marcelo e Bernardo já viram duas vezes uma aparição, e Horácio não acredita. Surge **O Espectro**, com o rosto e a armadura do rei morto, e some sem responder a Horácio. Ele explica os preparativos de guerra: o jovem **Fortimbrás** quer reaver as terras que o pai perdeu. O Espectro volta, o galo canta e ele se vai. Decidem contar tudo ao príncipe.

“Quem está aí?” (I.1)

CENA II: A CORTE E O LUTO DE HAMLET

No Salão do Trono, **Cláudio** anuncia o casamento com **Gertrudes**, envia emissários à Noruega e deixa **Laertes** voltar à França. Pede a **Hamlet** que abandone o luto e fique em Elsinore, sem regressar a Wittenberg, e a rainha insiste. Hamlet cede só à mãe. Sozinho, lamenta a pressa do casamento. **Horácio** e as sentinelas lhe contam da aparição, e ele resolve vigiar à noite.

“Tenho dentro de mim o que vai além da aparência; / Estes são apenas os trapos e anúncios da decência” (I.2)

Para pensar: Por que Cláudio faz questão de que Hamlet não volte a Wittenberg, enquanto deixa Laertes partir para a França?

CENA III: CONSELHOS A LAERTES E A OFÉLIA

Prestes a embarcar, **Laertes** avisa **Ofélia** de que o amor do príncipe é passageiro e de que um herdeiro não escolhe por si. **Polônio** entrega ao filho uma lista de preceitos de conduta. Depois interroga a filha sobre Hamlet, chama as juras do príncipe de moeda falsa e proíbe qualquer nova conversa com ele. Ofélia obedece.

“Isto acima de tudo: Sê verdadeiro contigo mesmo, / E por força seguir-se-á, como a noite segue ao dia, / Que não serás falso a homem algum” (I.3)

Para pensar: O que cada um, Laertes e Polônio, parece querer proteger ao mandar Ofélia se afastar de Hamlet?

CENA IV: HAMLET SEGUE O ESPECTRO

Perto da meia-noite, **Hamlet**, **Horácio** e Marcelo esperam na muralha, ao som de trombetas e canhões da festa do rei, costume que o príncipe julga melhor quebrado do que cumprido. **O Espectro** aparece e acena ao príncipe. Os amigos tentam retê-lo, e ele puxa a espada para ser

deixado livre e vai atrás. Marcelo comenta que algo vai mal no reino, e os dois amigos vão atrás do príncipe.

“Há algo de podre no reino da Dinamarca” (I.4)

CENA V: A REVELAÇÃO E O JURAMENTO

A sós com Hamlet, O Espectro diz ser o pai, preso a tormentos até purgar seus crimes, e pede vingança: foi morto por Cláudio, que lhe despejou veneno no ouvido enquanto dormia no pomar, e seduziu Gertrudes. Pede que ela seja poupada e some. Hamlet jura lembrar. Horácio e Marcelo voltam, e ele os faz jurar silêncio sobre a espada, com a voz do Espectro ecoando do subterrâneo, e pede que não denunciem o seu fingimento futuro.

“Tempos fora do eixo. Oh, maldito fado, / Eu ter de corrigir o que está errado!” (I.5)

Para pensar: Hamlet promete apagar da memória tudo o que não seja a ordem do pai: o que se perde quando alguém decide viver por um único mandamento?

TEMA CENTRAL

Lacerda lê a primeira pergunta da peça, "Quem está aí?", feita na escuridão a um vigia que também não se vê, como um mote que muitos críticos veem percorrer o texto todo.

O ato vive disso: o Espectro tem o rosto do rei, mas não se sabe o que traz, e o próprio Hamlet, diante dele, admite que pode ser um espírito bom ou um diabólico.

Lacerda lê a Cena II como a primeira das três reuniões da corte, com Cláudio em vantagem: discurso medido, Conselho do seu lado, e o sobrinho mantido no castelo, perto e vigiado, à maneira do chefe de máfia que prefere o inimigo ao alcance da mão. Ele também mostra como Hamlet se prende à coerência entre o que sente e o que parece, ao dizer que o luto é o que há dentro, e o resto, trapos de decência.

Lacerda lê a frase de Marcelo sobre o podre no reino como síntese de uma ideia que volta ao longo da peça: a doença que apodrece o corpo é o equivalente físico das falhas morais.

As imagens do ato vão nessa linha, do jardim abandonado à serpente que usa a coroa e ao veneno que coalha o sangue.

O ato monta duas pressões paralelas sobre filhos. Laertes e Hamlet recebem ordens de quem tem poder sobre eles, e Ofélia, a mais frágil, obedece sem discutir, enquanto Hamlet, ao jurar apagar o passado das tábuas da memória, parece abrir mão do que o ligava a ela. O fingimento que ele anuncia no fim nasce desse aperto: é a resposta de quem não pode falar nem agir ainda.

ATO II: A LOUCURA FINGIDA E A ARMADILHA DO TEATRO

CENA I: POLÔNIO MANDA ESPIONAR LAERTES

Polônio dá dinheiro a Reinaldo e o manda a Paris investigar Laertes por meio de pequenas calúnias, e se perde no meio das próprias instruções. Ofélia entra assustada: o príncipe

apareceu desganhado, apertou-lhe o pulso, suspirou e saiu sem tirar os olhos dela. Polônio conclui que é loucura de amor, lamenta ter desconfiado do príncipe e corre a contar ao rei. Ofélia diz que, por ordem dele, devolveu as cartas e recusou as visitas.

“Vedes como, com a isca da mentira, / Pescastes o peixe da verdade?” (II.1)

CENA II: ESPIÕES, ATORES E UM PLANO

Cláudio e Gertrudes chamam Rosencrantz e Guildenstern para sondar Hamlet. Voltimand e Cornélio, anunciados por Polônio, trazem as notícias da Noruega, onde Fortimbrás foi contido e vai atacar os poloneses. Polônio lê uma carta de amor do príncipe e propõe espia-lo com Ofélia. Hamlet zomba de Polônio e arranca dos amigos a confissão de que foram chamados. Pede aos atores uma fala sobre Pirro e Príamo e a peça O assassinato de Gonzago. Sozinho, censura a própria inação e decide testar o rei pelo teatro.

“Com a peça revelarei / O segredo íntimo do rei” (II.2)

Para pensar: Hamlet diz que a Dinamarca é uma prisão, mas Rosencrantz e Guildenstern não a veem assim: por que ele a vê assim e os amigos não?

TEMA CENTRAL

Lacerda lê o ato como um jogo de vigilância em cadeia. Polônio espiona o filho em Paris, o rei e a rainha pagam amigos de infância para espiar Hamlet, e Polônio ainda planeja esconder-se para ouvir o encontro do príncipe com a própria filha. Para Lacerda, o castelo de Elsinore vira uma casa onde todos vigiam todos, e as tramas de pai e filho se espelham: Laertes espionado pelo pai, Hamlet pelo padrasto.

Lacerda lê o relato de Ofélia como um truque que a peça já usara com o Espectro: o horror é contado, não mostrado, e cada espectador compõe a sua imagem do príncipe delirante. A loucura fingida serve também para dizer verdades a Polônio e aos amigos sem ofender ninguém, como na conversa do peixeiro e do cão morto, em que a corrupção moral se liga à podridão do corpo.

Lacerda lê o monólogo final como o ponto em que se acumulam as razões do adiamento da vingança: a repulsa a matar com as próprias mãos, a exigência de prova numa corte em que a justiça pertence ao rei, a dúvida sobre se o fantasma diz a verdade, já que pode ser o demônio com um rosto querido e o dilema entre agir e refletir. O ator que chora por Hécuba, sem motivo, humilha o príncipe, que tem motivo e nada faz.

O que o ator tem de fingimento, Hamlet transforma em método: se a emoção encenada arranca sentimentos verdadeiros, a ficção pode fazer o rei se trair. A hesitação de Pirro, de espada erguida sobre Príamo, é uma imagem que o texto deixa pairando sobre o príncipe, sem comentário.

ATO III: A RATOEIRA E A MORTE DE POLÔNIO

CENA I: O ENCONTRO ARMADO COM OFÉLIA

Rosencrantz e Guildenstern contam a **Cláudio**, a **Gertrudes** e a **Polônio** que não descobriram a causa do estado de **Hamlet**, mas que ele pediu uma peça aos atores. O rei e Polônio se escondem para espiar Hamlet com **Ofélia**. Hamlet entra falando sozinho sobre viver e morrer, depois trata Ofélia com dureza e a manda para um convento. Cláudio vê que não é amor, decide enviá-lo à Inglaterra, e Polônio sugere que a rainha o confronte depois da peça.

“Assim a consciência nos torna a todos covardes, / E assim a cor mais viva da decisão / É enfraquecida com a palidez do pensamento” (III.1)

CENA II: A RATOEIRA DIANTE DA CORTE

Hamlet pede aos atores naturalidade e roga a **Horácio** que vigie o rosto do rei durante a cena do envenenamento. Diante da corte, a peça encenada reproduz o crime do pai: o ator derrama o veneno no ouvido do rei adormecido. **Cláudio** se levanta, manda acender as luzes e sai, e Hamlet se convence da culpa dele. Rosencrantz e Guildenstern trazem o chamado da rainha, que Hamlet recebe zombando, e **Polônio** o confirma. Sozinho, Hamlet decide encontrar a mãe sem lhe fazer mal.

“A Ratoeira. Curioso, não? Mas é apenas fantasia. A Vossa Majestade e a nós, que temos almas livres de culpa, ela não atinge.” (III.2)

Para pensar: O que a reação do rei à peça prova de fato, e a quem ela prova?

CENA III: CLÁUDIO REZA, HAMLET POUÇA

Cláudio decide mandar Hamlet à Inglaterra com Rosencrantz e Guildenstern, e **Polônio** avisa que vai se esconder no quarto da rainha. Sozinho, o rei confessa o assassinato do irmão e tenta rezar, mas não consegue enquanto conserva a coroa e a rainha. **Hamlet** o encontra de joelhos, ergue a espada e desiste: matá-lo rezando seria mandá-lo ao céu, e ele quer pegá-lo num momento sem salvação.

“Pode-se obter o perdão conservando os lucros da ofensa?” (III.3)

Para pensar: Hamlet poupa Cláudio porque ele está rezando. O que essa recusa pesa no que acontece depois, no mesmo ato?

CENA IV: NO QUARTO DA RAINHA

Polônio se esconde atrás da tapeçaria, e **Hamlet** confronta **Gertrudes** até ela gritar por socorro. Ao ouvir Polônio se agitar, Hamlet atravessa a cortina com a espada, convencido de que mata o rei. Depois censura a mãe diante dos retratos dos dois maridos, e **O Espectro** reaparece, visível só para o filho. Hamlet pede a Gertrudes que se afaste de Cláudio, avisa da viagem à Inglaterra e sai arrastando o corpo.

“Não ireis embora até eu vos apresentar um espelho, / Onde verás o que existe dentro de vós.” (III.4)

Para pensar: Por que a rainha não vê o Espectro, que Hamlet vê tão claramente neste quarto?

TEMA CENTRAL

Lacerda lê a peça dentro da peça como o fim da indecisão de Hamlet: depois da Ratoeira, ele sabe o que fazer e só procura a ocasião. O próprio Lacerda nota, porém, que a prova é frágil, no máximo um indício, porque a reação do rei também poderia ser a indignação de um inocente ultrajado ou o medo diante de um sobrinho que mata o tio, e a certeza súbita do príncipe pode ser o lado precipitado falando.

Lacerda lê a cena da oração como o erro que arma o resto do ato: Hamlet quer a justiça divina além da humana, e esse perfeccionismo, que Lacerda chama de uma espécie de hubris, o faz poupar o culpado e logo em seguida matar um inocente. Lacerda observa também que a plateia ouve a confissão de Cláudio, que Hamlet não ouve, e que essa distância entre o que o príncipe vê e o que o público sabe foi criada de propósito por Shakespeare.

O ato inteiro é feito de cenas armadas para um observador: Cláudio e Polônio se escondem para ver Hamlet e Ofélia, Hamlet encomenda uma peça para vigiar o rosto do rei, e Polônio se esconde de novo atrás da tapeçaria. É esse último esconderijo que termina em morte, e quem morre é o próprio espião.

ATO IV: EXÍLIO, LOUCURA E ARMADILHA

CENA I: GERTRUDES CONTA A CLÁUDIO A MORTE DE POLÔNIO

Gertrudes, transtornada, conta a **Cláudio** que **Hamlet** matou Polônio ao golpear o arrás. O rei vê na liberdade do enteado uma ameaça a todos e se culpa por não o ter contido. Para protegê-lo, ela diz que o filho chora pelo que fez. Cláudio decide embarcá-lo ao pôr do sol, manda Rosencrantz e Guildenstern buscar o corpo e convoca o Conselho para afastar a calúnia.

“Louco feito o mar e o vento, quando lutam / Para saber quem é mais forte” (IV.1)

CENA II: HAMLET ZOMBA DE ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN

Hamlet dispôs do corpo de Polônio e não diz onde. Interpelado por Rosencrantz e Guildenstern, que querem levá-lo ao rei, responde por enigmas: diz que misturou o corpo ao pó de onde veio e chama Rosencrantz de esponja que o rei espreme quando precisa. Insiste na provocação e, por fim, manda que o levem ao rei.

“O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo.” (IV.2)

Para pensar: Hamlet diz que o rei é uma coisa feita de nada: de que rei ele está falando?

CENA III: CLÁUDIO MANDA HAMLET À INGLATERRA

Cláudio diz aos conselheiros que não pode punir Hamlet pela lei, porque o povo o ama, e que o envio à Inglaterra deve parecer decisão amadurecida. Hamlet, trazido preso, responde que Polônio está numa ceia, comido por vermes, e que o corpo será achado na galeria. O rei anuncia

o embarque imediato e Hamlet parte. Sozinho, Cláudio revela que as cartas ao rei inglês exigem a morte do príncipe.

“Ele é amado pelas ingênuas multidões, / Cujo afeto não obedece ao juízo, e sim aos olhos” (IV.3)

CENA IV: HAMLET E O EXÉRCITO DE FORTIMBRÁS

Numa planície, **Fortimbrás** pede passagem pela Dinamarca para marchar contra a Polônia. **Hamlet**, escoltado por Rosencrantz e Guildenstern até o navio, pergunta a um capitão norueguês aonde vão e ouve que vão tomar um pedaço de terra sem valor. Quando os outros se afastam, fica só e se censura: tem motivo, vontade e meios para a vingança e não a cumpre, enquanto milhares morrem por quase nada.

“Como fico eu, então, / Que tenho o pai assassinado, a mãe desonrada, / Fortes estímulos da razão e do sangue, / E deixo estar?” (IV.4)

Para pensar: Por que Hamlet inveja Fortimbrás, que vai lutar por um pedaço de terra sem valor?

CENA V: OFÉLIA ENLOUQUECIDA, LAERTES NO CASTELO

Semanas depois, **Horácio** convence **Gertrudes** a receber **Ofélia**, que enlouqueceu e canta sobre o pai morto e o amor perdido. **Cláudio** admite que Polônio foi enterrado em segredo e que **Laertes** voltou da França. Laertes invade o castelo à frente de uma turba que o aclama rei e exige o pai. O rei o acalma, mas Ofélia reaparece com flores e canções, e Laertes, abalado, aceita ouvi-lo.

“sabemos o que somos, mas não o que podemos ser” (IV.5)

Para pensar: O que as canções e as flores de Ofélia dizem a Cláudio, a Gertrudes e a Laertes?

CENA VI: HORÁCIO RECEBE A CARTA DE HAMLET

Marinheiros entregam a **Horácio** uma carta de **Hamlet**. Nela o príncipe conta que um navio pirata atacou o seu, que foi o único tomado prisioneiro e que os piratas o trataram com generosidade. Pede que Horácio leve ao rei as cartas anexas e venha encontrá-lo, e avisa que Rosencrantz e Guildenstern seguem para a Inglaterra. Horácio parte com os marinheiros.

“vem encontrar-te comigo com a mesma rapidez com que fugirias da morte” (IV.6)

CENA VII: PLANO DE CLÁUDIO E MORTE DE OFÉLIA

Cláudio conta a **Laertes** que Hamlet matou Polônio atentando contra a vida do rei e que não o puniu por causa de Gertrudes e do povo. Chega uma carta de Hamlet anunciando a volta. O rei propõe um duelo em que Laertes usará uma espada sem proteção; Laertes acrescenta o veneno na ponta, e o rei prepara um cálice envenenado de reserva. **Gertrudes** entra e conta que Ofélia se afogou num riacho, ao cair de um galho.

“Aquilo que desejamos fazer, / Devemos fazer na hora da vontade, pois ela flutua” (IV.7)

Para pensar: O que, na cena, leva Laertes a confiar em Cláudio e a aceitar o plano do duelo?

TEMA CENTRAL

Lacerda interrompe o ato com a história do texto. O enredo vem do conto escandinavo de Amleth, posto no papel por Saxo, e passou por Belleforest e por uma peça inglesa perdida, talvez de Thomas Kyd, até chegar a Shakespeare em versões diferentes: o Primeiro Quarto, curto e ágil, o Segundo Quarto, de quase o dobro do tamanho e base das edições modernas, e o Fólio, que corta e acrescenta linhas. O texto que se lê hoje reúne todas elas e, segundo Lacerda, é uma versão que o próprio autor nunca escreveu nem viu encenada. A consequência aparece neste ato: no Primeiro Quarto, Gertrudes jurava ignorar o crime e se punha ao lado do filho contra Cláudio, e esses versos saíram, deixando em aberto o quanto a rainha sabe.

Lacerda lê o ato como uma sequência de espelhos. Fortimbrás é o outro filho com um pai a vingar e um tio no trono, e luta por um pedaço de terra sem valor enquanto Hamlet hesita; Laertes é o filho que também quer vingar o pai e, para ele, o herói tornou-se o vilão por ter matado Polônio. Daí a conclusão de Lacerda: a justiça que a vingança promete depende do ponto de vista, e Shakespeare questiona o próprio gênero da peça de vingança. Lacerda nota ainda que Laertes, ao reunir conspiradores e quase tomar o trono, faz o que Hamlet não fez.

Lacerda contrasta as duas loucuras. A de Hamlet era calculada; a de Ofélia é descontrolada e, ao mesmo tempo, poética: ela sai da mudez obediente e passa a falar por canções, provérbios e flores, cada uma com um sentido por trás, e Laertes percebe que há mensagens no desvario. Para Lacerda, o drama da família de Polônio funciona como intervalo antes do desfecho, recurso comum no quarto ato das tragédias.

Cláudio conduz Laertes com o argumento que Hamlet usava contra si mesmo: a vontade flutua, e o dever que não se cumpre na hora vira suspiro inútil. É a lógica do monólogo da planície na boca de quem quer um executor pronto, e mostra o adiamento de Hamlet visto pelo inimigo como a fraqueza a não imitar. O rei mistura o fato, que Hamlet matou Polônio, com a invenção, a inveja que Hamlet teria do esgrimista, e o resultado é um Laertes que aceita o duelo e o cálice e ele mesmo propõe o veneno.

ATO V: CEMITÉRIO E DUELO

CENA I: CEMITÉRIO, CAVEIRAS E ENTERRO DE OFÉLIA

Dois coveiros cavam a cova de Ofélia e discutem se um suicídio merece enterro cristão. **Hamlet** e **Horácio** chegam e, diante das caveiras que o coveiro joga, Hamlet pensa na morte que iguala poderosos e mendigos e, ao ouvir do coveiro que uma das caveiras é a de Yorick, o bobo de seu pai, fica abalado. Chega o cortejo de Ofélia, sem os ritos plenos. **Laertes** salta na cova, Hamlet se revela e pula atrás dele, e os dois lutam até serem separados.

“Oh, pobre Yorick! Eu o conheci, Horácio, um sujeito de graça infinita e imaginação fabulosa.” (V.1)

CENA II: CARTA TROCADA, DUELO E MORTES

Hamlet conta a Horácio que trocou, no navio, a carta que ordenava sua morte por outra, que condena Rosencrantz e Guildenstern. Osric traz o desafio de Cláudio: um duelo com Laertes. Gertrudes bebe o vinho envenenado e Laertes fere Hamlet com a espada envenenada. Trocadas as armas, Laertes é ferido pela própria lâmina e acusa o rei, que Hamlet mata. Ferido de morte, Hamlet pede a Horácio que conte sua história, ouve os canhões de Fortimbrás, indica-o como sucessor e morre.

“Há um toque da Providência na queda de um pardal [...] Estar pronto é a única solução. Seja o que for!” (V.2)

Para pensar: O que muda entre o que Hamlet diz de si na planície, no Ato IV, e o que diz a Horácio antes do duelo?

TEMA CENTRAL

Lacerda abre o ato com seis leituras do personagem. Coleridge vê um pensador em quem o mundo interior pesa mais que os fatos; Bradley, uma melancolia que torna inúteis a ação e o próprio pensamento; Ernest Jones, um conflito edipiano recalcado; Eliot, uma emoção sem objeto, a que faltaria um correlato objetivo; Wilson Knight, um homem que viu o mal nos outros e se tornou inumano; C.S. Lewis, uma região espiritual em que o leitor se projeta. Lacerda responde a Eliot dentro da própria cena do cemitério: a caveira, símbolo de todas as apreensões de Hamlet, é um bom exemplo de correlato objetivo. Lembra também que a imagem clássica de Hamlet com a caveira dizendo o monólogo do ser ou não ser não existe na peça.

Lacerda lê o Hamlet que volta à Dinamarca como outro homem. Ele já não vê a morte como mal nem como fuga, mas como destino comum de todos, aceita que uma divindade rege os acontecimentos e age por intuição, sem os escrúpulos que o paralisavam. A virada psicológica, nota Lacerda, acontece fora de cena, na viagem, e o gesto que a mostra é cruel: mandar Rosencrantz e Guildenstern à morte, que os comentadores tanto condenam quanto absolvem. Lacerda desconfia ainda da conta do coveiro, que daria trinta anos a Hamlet, e prefere ver um jovem aprendendo as verdades indigestas da vida.

Lacerda lê o fim como paz para Hamlet e desastre para a Dinamarca. Ao morrer, Hamlet se reconcilia com a própria natureza contraditória; a família real morre inteira e o reino acaba anexado à Noruega, de modo que a justiça foi alcançada a um custo gigantesco. Fortimbrás, vitorioso, pesa menos que o príncipe cujas dúvidas o público acompanhou, e Horácio sobrevive como o único que não se desviou e que deve contar a história. Lacerda observa também que a peça começa no sobrenatural, com o fantasma, e termina no que há de mais natural, as ossadas.

Cada armadilha armada contra Hamlet se fecha sobre quem a preparou. A espada envenenada fere o próprio Laertes, que diz ser executado pela sua traição; o cálice reservado ao príncipe mata a rainha e depois o rei, a quem Hamlet o faz beber; e a vingança que Hamlet adiou durante a peça só se cumpre quando já não há tempo de escolher. É por isso que a resposta dele a Horácio, antes do duelo, soa como o oposto do monólogo da planície: onde antes buscava um motivo bastante para agir, agora aceita estar pronto.

VINGANÇA

A vingança entra na peça como ordem. Na **cena 5 do Ato I**, **O Espectro** diz a **Hamlet** que foi morto por **Cláudio**, que lhe despejou veneno no ouvido enquanto dormia no pomar, e pede vingança, com **Gertrudes** poupada. Hamlet jura, e ao jurar aceita como único mandamento o que o pai lhe deixou.

Na **cena 2 do Ato III**, a Ratoeira prova a culpa de Cláudio, e na cena seguinte a vingança fica ao alcance da espada: Hamlet encontra o rei de joelhos e desiste, porque matá-lo rezando seria mandá-lo ao céu (**cena 3 do Ato III**). Pouco depois, no quarto da rainha, ele fura a cortina convencido de que mata o rei, e o morto é **Polônio** (**cena 4 do Ato III**).

No Ato IV a vingança muda de mãos e de lado. Na **cena 4 do Ato IV**, Hamlet encontra o exército de **Fortimbrás** a caminho de um pedaço de terra sem valor e se censura por, tendo motivo e meios, deixar estar. Na **cena 7 do Ato IV**, Cláudio conduz **Laertes**, o filho que também quer vingar o pai, a um duelo com espada envenenada e cálice de reserva, e Laertes aceita o plano e ainda propõe o veneno na ponta. Lacerda lê nesse espelho um questionamento do próprio gênero: a justiça que a vingança promete depende do ponto de vista, e para Laertes o herói virou o vilão por ter matado Polônio.

Na **cena 2 do Ato V**, a vingança que Hamlet adiou só se cumpre quando já não há tempo de escolher: Laertes, ferido pela própria lâmina, acusa o rei, e Hamlet crava a lâmina nele e o faz beber o cálice. Antes do duelo, com a prova já em mãos e o dever de matar Cláudio reafirmado a Horácio, Hamlet diz que o que importa é estar pronto.

A vingança em Hamlet nunca é um golpe limpo. Cada tentativa cai em outro corpo (o de Polônio, o de Laertes, o de Gertrudes) e a que enfim atinge o alvo certo já não é uma decisão dele, é a consequência de uma armadilha alheia que se voltou contra o armador. A peça deixa a pergunta sobre o que seria vingar bem sem resposta, e responde só sobre o preço.

A ordem recebida, e o encargo que Hamlet aceita.

“Tempos fora do eixo. Oh, maldito fado, / Eu ter de corrigir o que está errado!” (I.5)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

A razão teológica que adia o golpe.

“Pode-se obter o perdão conservando os lucros da ofensa?” (III.3)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

A autocensura diante do exército que marcha por quase nada.

“Como fico eu, então, / Que tenho o pai assassinado, a mãe desonrada, / Fortes estímulos da razão e do sangue, / E deixo estar?” (IV.4)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

A prontidão com que Hamlet encara o duelo.

“Há um toque da Providência na queda de um pardal [...] Estar pronto é a única solução. Seja o que for!” (V.2)

Ato V: Cemitério e duelo

AÇÃO E INAÇÃO

O tema nasce no fim da **cena 2 do Ato II**. Sozinho, **Hamlet** se censura porque um ator chora por Hécuba sem motivo, enquanto ele, que tem o pai assassinado, nada faz, e decide testar o rei pelo teatro. Lacerda lê no monólogo o ponto em que se acumulam as razões do adiamento: a repulsa a matar com as próprias mãos, a exigência de prova numa corte em que a justiça pertence ao rei, a necessidade de testar o que o fantasma diz, já que pode ser o demônio, e o dilema entre agir e refletir.

Na **cena 1 do Ato III**, o monólogo "ser ou não ser" dá a fórmula mais citada: a consciência nos torna covardes, e a cor viva da decisão se enfraquece com a palidez do pensamento. Na **cena 3 do Ato III**, a ocasião aparece, com **Cláudio** de joelhos, e Hamlet a deixa passar. Lacerda vê aí uma espécie de hubris: o perfeccionismo de querer a justiça divina além da humana faz o príncipe poupar o culpado, e logo em seguida, no quarto da rainha, matar um inocente sem pensar (**cena 4 do Ato III**).

Na **cena 4 do Ato IV**, a planície de **Fortimbrás** inverte o quadro: aqui a ação sem razão aparente, um exército que marcha por um pedaço de terra sem valor, envergonha o pensamento que não age. Na **cena 7 do Ato IV**, Cláudio faz o mesmo argumento com os sinais trocados diante de **Laertes**: a vontade flutua, e o que se deseja fazer deve ser feito na hora da vontade. É a lógica do monólogo da planície na boca de quem quer um executor pronto.

Na **cena 2 do Ato V**, a resposta de Hamlet a **Horácio** antes do duelo soa como o oposto do monólogo da planície: onde antes ele procurava um motivo bastante para agir, agora aceita estar pronto, e a providência cuida do resto.

O oposto de inação, na peça, não é ação, é prontidão. Hamlet age sem pensar atrás da cortina e erra, pensa demais diante da oração e poupa, e só chega perto do alvo quando deixa de escolher o momento. O que o Ato V chama de estar pronto é uma terceira via, que a peça não oferece como solução e sim como o que sobra depois de testar as duas primeiras.

O plano que responde à inação.

“Com a peça revelarei / O segredo íntimo do rei” (II.2)

Ato II: A loucura fingida e a armadilha do teatro

A fórmula do monólogo.

“Assim a consciência nos torna a todos covardes, / E assim a cor mais viva da decisão / É enfraquecida com a palidez do pensamento” (III.1)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

A autocensura diante de Fortimbrás.

“Como fico eu, então, / Que tenho o pai assassinado, a mãe desonrada, / Fortes estímulos da razão e do sangue, / E deixo estar?” (IV.4)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

A prontidão do desfecho.

“Há um toque da Providência na queda de um pardal [...] Estar pronto é a única solução. Seja o que for!” (V.2)

Ato V: Cemitério e duelo

LOUCURA

A loucura entra na peça como projeto. No fim do Ato I, **Hamlet** pede aos amigos que não denunciem o fingimento que vai adotar, e na **cena 1 do Ato II** o primeiro sinal chega por relato: **Ofélia** conta ao pai que o príncipe apareceu desganhado, apertou-lhe o pulso, suspirou e saiu sem tirar os olhos dela. Lacerda vê no relato um truque que a peça já usara com o Espectro, o horror contado e não mostrado, de modo que cada espectador compõe a sua imagem do príncipe delirante. **Polônio** conclui que é loucura de amor.

Na **cena 2 do Ato II**, o fingimento serve para dizer verdades a Polônio e aos amigos sem ofender ninguém, e Hamlet arranca de Rosencrantz e Guildenstern a confissão de que foram chamados para sondá-lo. Na **cena 1 do Ato III**, a dureza com que trata Ofélia basta para que **Cláudio** veja que aquilo não é amor, e ele deixa de crer na hipótese de Polônio, que segue falando em amor rejeitado. Na **cena 4 do Ato III**, diante da mãe, Hamlet nega que seja loucura e propõe um teste: ele repetirá palavra por palavra o que a loucura teria medo de dizer.

Na **cena 1 do Ato IV**, **Gertrudes** usa a loucura como escudo e descreve o filho a Cláudio como louco feito o mar e o vento quando lutam, para protegê-lo. Na **cena 2 do Ato IV**, Hamlet responde por enigmas a Rosencrantz e Guildenstern, e chama um deles de esponja que o rei espreme quando precisa. Na **cena 5 do Ato IV**, a loucura muda de dono: Ofélia, que obedecera calada ao pai e ao irmão, enlouquece de verdade e passa a falar por canções, provérbios e flores. Para Lacerda, a loucura de Hamlet era calculada e a de Ofélia é descontrolada e, ao mesmo tempo, poética, e **Laertes** percebe que há mensagens no desvario.

As duas loucuras funcionam em sentidos opostos. A de Hamlet é uma máscara que lhe dá licença para dizer o que não poderia, e a de Ofélia é o que sobra quando a máscara da obediência cai e já não há outra. Uma dá voz a quem escolhe falar, a outra dá voz a quem nunca teve, e é por isso que só a segunda comove a corte e só a primeira a engana.

Polônio e a isca da mentira.

“Vedes como, com a isca da mentira, / Pescastes o peixe da verdade?” (II.1)

Ato II: A loucura fingida e a armadilha do teatro

A loucura que Gertrudes descreve ao rei.

“Louco feito o mar e o vento, quando lutam / Para saber quem é mais forte” (IV.1)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

O enigma sobre o corpo e o rei.

“O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo.” (IV.2)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Uma das falas mais lúcidas da peça, dita por Ofélia enlouquecida.

“sabemos o que somos, mas não o que podemos ser” (IV.5)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

MORTE

A peça começa com uma morte que não descansa. Na **cena 1 do Ato I**, as sentinelas veem **O Espectro**, com o rosto e a armadura do rei morto, e na **cena 2 do Ato I** a corte pede a **Hamlet** que abandone o luto, ao que ele responde que o que tem dentro vai além da aparência. Na **cena 5 do Ato I**, o Espectro diz que está preso a tormentos até purgar seus crimes, morto sem confissão, e que foi envenenado por **Cláudio**.

Na **cena 1 do Ato III**, a morte vira pergunta. No monólogo "ser ou não ser", Hamlet pesa morrer como dormir, e o que o detém não é o castigo reservado ao suicida, é o que pode haver do outro lado: sonhos, e um país desconhecido de cujas fronteiras nenhum viajante retorna. Na **cena 4 do Ato III**, a morte vira fato brusco: Hamlet fura a cortina e mata **Polônio**, e sai arrastando o corpo.

Na **cena 1 do Ato V**, a morte vira matéria. Dois coveiros cavam a cova de **Ofélia** e discutem se um suicídio merece enterro cristão, e Hamlet, diante das caveiras, pensa na morte que iguala poderosos e mendigos e, ao saber pelo coveiro que uma das caveiras é a de Yorick, o bobo do pai, fica abalado. Lacerda nota que a peça começa no sobrenatural, com o fantasma, e termina no que há de mais natural, as ossadas. Na **cena 2 do Ato V**, a família real morre inteira no duelo, e Lacerda lê o Hamlet que volta da viagem como alguém que já não vê a morte como mal nem como fuga, mas como destino comum de todos.

A peça faz a morte percorrer três registros e só deixa Hamlet aceitar o último. A morte-aparição, o pai que volta para exigir, o prende. A morte-pergunta, o monólogo, o paralisa. A morte-matéria, a caveira com nome e passado, é a que ele consegue olhar sem fugir, e é depois de olhá-la que o príncipe que hesitava passa a dizer que basta estar pronto.

O monólogo que pesa morrer como dormir.

O que de fato o impede, e não é o castigo do suicida, é o que pode haver do outro lado do sono:

“Morrer, dormir, Dormir! Talvez sonhar. Sim, esse é o obstáculo. Que sonhos podem vir no sono da morte, Quando tivermos nos livrado do turbilhão carnal? Devemos hesitar. Tal é a ponderação Que faz as calamidades terem vida longa.”

Hamlet

O crânio de Yorick.

“Oh, pobre Yorick! Eu o conheci, Horácio, um sujeito de graça infinita e imaginação fabulosa.” (V.1)

Ato V: Cemitério e duelo

A prontidão com que Hamlet olha a própria morte.

“Há um toque da Providência na queda de um pardal [...] Estar pronto é a única solução. Seja o que for!” (V.2)

Ato V: Cemitério e duelo

CORRUPÇÃO E DECADÊNCIA

O tema aparece primeiro como imagem. Na **cena 2 do Ato I**, sozinho, **Hamlet** compara o mundo a um jardim abandonado, tomado pelo que há de podre e grosseiro, e na **cena 4 do Ato I**, Marcelo diz o que as sentinelas sentem: há algo de podre no reino da Dinamarca. Lacerda lê a frase como síntese de uma ideia que volta ao longo da peça, a doença que apodrece o corpo como equivalente físico das falhas morais. Na **cena 5 do Ato I**, a imagem ganha causa: **O Espectro** conta que **Cláudio** lhe despejou veneno no ouvido, e que a história oficial de uma picada de serpente enganou a Dinamarca.

No Ato IV, o apodrecimento é método de governo. Na **cena 3 do Ato IV**, Cláudio explica que não pode punir Hamlet pela lei porque o povo o ama, e que o embarque para a Inglaterra deve parecer decisão amadurecida, enquanto as cartas ao rei inglês exigem a morte do príncipe. Na **cena 7 do Ato IV**, ele conduz **Laertes** a aceitar um duelo com espada ungida e cálice de reserva, e mistura o fato, que Hamlet matou **Polônio**, com a invenção, a inveja que Hamlet teria do esgrimista.

Na **cena 2 do Ato V**, o veneno alcança a família real. **Gertrudes** bebe o vinho envenenado, Laertes é ferido pela própria lâmina e acusa o rei, e Hamlet crava a lâmina em Cláudio e o faz beber o cálice. Lacerda vê o desfecho como paz para Hamlet e desastre para a Dinamarca: a família real morre inteira e o reino acaba anexado à Noruega de **Fortimbrás**, de modo que a justiça foi alcançada a um custo gigantesco.

A corrupção da peça é menos um vício de Cláudio do que a maneira como a corte funciona. Quem governa por aparência de normalidade, com discurso medido, Conselho do seu lado e embarque disfarçado de decisão, só tem o veneno como instrumento de última instância, e o que se desfaz no fim não é um homem, é o jeito de a corte se sustentar. Por isso o fim é a anexação do reino, e não só a queda do rei.

O que a sentinela percebe antes de todos.

“Há algo de podre no reino da Dinamarca” (I.4)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

O método de Cláudio: a opinião do povo.

“Ele é amado pelas ingênuas multidões, / Cujo afeto não obedece ao juízo, e sim aos olhos” (IV.3)

O argumento com que ele conduz Laertes.

“Aquilo que desejamos fazer, / Devemos fazer na hora da vontade, pois ela flutua” (IV.7)

APARÊNCIA E REALIDADE

A primeira pergunta da peça já é do tema: na **cena 1 do Ato I**, "Quem está aí?", feita na escuridão a um vigia que também não se vê. Para muitos críticos, diz Lacerda, ela é um mote que percorre o texto todo. Na **cena 2 do Ato I**, Hamlet opõe o que sente ao que parece, dizendo que o luto é o que há dentro e o resto, trapos de decência, enquanto Cláudio fala em tom medido. Na **cena 4 do Ato I**, Hamlet admite diante do O Espectro que ele pode ser um espírito bom ou um diabólico, e na **cena 5 do Ato I** a aparição diz ser o pai.

Na **cena 1 do Ato II**, Polônio ensina a técnica do espião: com a isca da mentira, pesca-se o peixe da verdade. Na **cena 2 do Ato II**, a vigilância se estende a Rosencrantz e Guildenstern, chamados para sondar Hamlet, que os desarma pedindo a confissão. O Ator que chora por Hécuba mostra o outro lado, a emoção encenada que arranca sentimentos verdadeiros, e é dessa constatação que Hamlet tira o método da Ratoeira. Entre as razões que Lacerda enumera para a demora está o medo de tomar a aparência pela realidade.

Na **cena 2 do Ato III**, a peça encenada diante da corte é a aparência a serviço da verdade: Cláudio se levanta, manda acender as luzes e sai, e Hamlet se convence da culpa dele. Lacerda nota, porém, que a prova é frágil, no máximo um indício, porque a reação do rei também poderia ser a indignação de um inocente ultrajado. Na **cena 4 do Ato III**, o que o espelho mostra a Gertrudes é o que existe dentro dela, e ela não vê o Espectro, que o filho vê com clareza: a realidade da cena não é a mesma para os dois.

Em Hamlet a aparência não é o contrário da realidade, é o único caminho até ela. O príncipe só chega à culpa de Cláudio fingindo loucura, encomendando uma peça e vigiando um rosto, e a cada passo a prova que obtém é indireta e sujeita a erro. A peça não resolve a oposição entre parecer e ser, mostra que, numa corte em que todos vigiam todos, a verdade só se acessa por quem aceita trabalhar com o parecer.

A pergunta com que a peça abre.

“Quem está aí?” (I.1)

Os trapos da decência.

“Tenho dentro de mim o que vai além da aparência; / Estes são apenas os trapos e anúncios da decência” (I.2)

A isca da mentira que pesca a verdade.

“Vedes como, com a isca da mentira, / Pescastes o peixe da verdade?” (II.1)

Ato II: A loucura fingida e a armadilha do teatro

O espelho oferecido à rainha.

“Não ireis embora até eu vos apresentar um espelho, / Onde verás o que existe dentro de vós.” (III.4)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

PERSONAGENS

HAMLET

QUEM É

Hamlet é o príncipe da Dinamarca, filho do rei morto e de **Gertrudes**, sobrinho e enteado de **Cláudio**. É estudante em Wittenberg, que o rei quer manter em Elsinore, e está de luto pelo pai quando a corte já festeja o casamento da mãe. Ao receber de **O Espectro** a ordem de vingar o assassinato, passa a peça entre o fingimento de loucura, a dúvida sobre o que o espectro realmente é, a busca de uma prova e o adiamento do golpe, até que a vingança se cumpre quando a sua própria vida já está perdida. Morre no duelo, depois de matar Cláudio, e deixa a Fortimbrás o trono e a Horácio o encargo de contar a sua história.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, Cláudio lhe pede que abandone o luto e fique em Elsinore, sem voltar a Wittenberg, e a rainha insiste. Hamlet cede só à mãe, e sozinho lamenta a pressa do casamento. A distância entre o que sente e o que mostra já está no que ele responde à corte:

“Tenho dentro de mim o que vai além da aparência; / Estes são apenas os trapos e anúncios da decência” (I.2)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

Na **cena 4 do Ato I**, na muralha, ele segue o Espectro, e puxa a espada para que os amigos o deixem livre. Na **cena 5 do Ato I**, ouve o pai revelar o veneno despejado no ouvido no pomar e jura lembrar. Faz **Horácio** e Marcelo jurarem silêncio sobre a espada, com a voz do Espectro ecoando do subterrâneo, e pede que não denunciem o seu fingimento futuro.

Na **cena 1 do Ato II**, aparece a Ofélia desgrenhado, aperta-lhe o pulso, suspira e sai sem tirar os olhos dela. Na **cena 2 do Ato II**, zomba de **Polônio**, arranca de Rosencrantz e Guildenstern a confissão de que foram chamados, pede aos atores a fala sobre Pirro e Príamo e a peça O assassinato de Gonzago. Sozinho, censura a própria inação e decide testar o rei pelo teatro.

Na **cena 1 do Ato III**, fala sozinho sobre viver e morrer e depois trata **Ofélia** com dureza, mandando-a para um convento. Na **cena 2 do Ato III**, pede a Horácio que vigie o rosto do rei durante a cena do envenenamento, e a reação de Cláudio o convence da culpa. Na **cena 3 do Ato III**, encontra o rei de joelhos, ergue a espada e desiste: matá-lo rezando seria mandá-lo ao céu. Na **cena 4 do Ato III**, atravessa a cortina com a espada, convencido de que mata o rei, e mata Polônio. Depois censura a mãe diante dos retratos dos dois maridos, vê o Espectro, que só ele vê, e sai arrastando o corpo.

No Ato IV ele está sempre a caminho de outro lugar. Na **cena 2 do Ato IV** e na **cena 3 do Ato IV**, responde por enigmas sobre o corpo de Polônio e é embarcado para a Inglaterra. Na **cena 4 do Ato IV**, encontra o exército de Fortimbrás e se censura a sós:

“Como fico eu, então, / Que tenho o pai assassinado, a mãe desonrada, / Fortes estímulos da razão e do sangue, / E deixo estar?” (IV.4)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Na **cena 6 do Ato IV**, a carta a Horácio conta que um navio pirata atacou o seu, que ele foi o único tomado prisioneiro e que os piratas o trataram com generosidade.

Na **cena 1 do Ato V**, no cemitério, pensa na morte que iguala poderosos e mendigos e, ao saber pelo coveiro que uma das caveiras é a de Yorick, o bobo do pai, fica abalado. Quando **Laertes** salta na cova de Ofélia, revela-se e pula atrás dele, e os dois lutam. Na **cena 2 do Ato V**, conta a Horácio que trocou no navio a carta que ordenava a sua morte por outra, que condena Rosencrantz e Guildenstern. Ao responder a Horácio antes do duelo, a posição é outra:

“Há um toque da Providência na queda de um pardal [...] Estar pronto é a única solução. Seja o que for!” (V.2)

Ato V: Cemitério e duelo

Ferido pela espada envenenada, Hamlet crava a lâmina em Cláudio e o faz beber o vinho, pede a Horácio que conte a sua história, ouve os canhões de Fortimbrás, indica-o como sucessor, diz que o resto é silêncio e morre.

TEMAS QUE ENCARNA

No monólogo do Ato II, Hamlet se censura diante do ator que chora por Hécuba sem motivo, e na planície, no Ato IV, se censura de novo diante de Fortimbrás, que marcha por um pedaço de terra sem valor. Lacerda lê no monólogo do Ato II o acúmulo das razões do adiamento: a repulsa a matar com as próprias mãos, a exigência de prova numa corte em que a justiça pertence ao rei, a necessidade de testar o que o fantasma diz, já que pode ser o demônio, e o dilema entre agir e refletir.

O fingimento de loucura é anunciado por ele na **cena 5 do Ato I** e usado na **cena 2 do Ato II** para dizer verdades a Polônio e aos amigos sem ofender ninguém, e a loucura de Ofélia, no Ato IV, é lida por Lacerda em contraste com a dele: a de Hamlet é calculada, a dela, descontrolada e ao mesmo tempo poética.

Lacerda lê o Hamlet que volta à Dinamarca como outro homem: já não vê a morte como mal nem como fuga, mas como destino comum de todos, aceita que uma divindade rege os acontecimentos e age por intuição, sem os escrúpulos que o paralisavam. A virada, nota Lacerda, acontece fora de cena, na viagem, e o gesto que a mostra é cruel: mandar Rosencrantz e Guildenstern à morte.

O Hamlet do Ato V não responde à pergunta do Ato IV, ele a deixa de lado. Onde antes buscava um motivo bastante para agir, agora aceita estar pronto, e a vingança só se cumpre quando já não resta tempo de escolher.

RELAÇÕES

- **Cláudio**: o tio e padrasto que, segundo o Espectro, matou o pai. Hamlet o testa pela peça, poupa-o rezando e só o mata no fim, no duelo armado por ele.
- **Gertrudes**: a mãe, a quem o Espectro pede que seja poupada. Hamlet a confronta no quarto, diante dos retratos dos dois maridos.
- **O Espectro**: o pai, que o convoca à vingança e reaparece na **cena 4 do Ato III**.

- **Ofélia:** a moça que ele cortejou. Trata-a com dureza na **cena 1 do Ato III**, volta a provocá-la na **cena 2 do Ato III** e só a reencontra no enterro.
- **Polônio:** o pai de Ofélia, que o espia. Hamlet o mata por engano atrás da tapeçaria.
- **Laertes:** o filho de Polônio, que vê nele o vilão por ter matado o pai e se une a Cláudio no duelo.
- **Horácio:** o amigo a quem confia a vigília, o plano e, no fim, a história.
- **Fortimbrás:** o outro filho com um pai a vingar, que marcha pela Dinamarca no Ato IV e reivindica o trono no fim.

CLÁUDIO

QUEM É

Cláudio é o rei da Dinamarca, irmão do rei morto, casado com a viúva **Gertrudes** e tio e padrasto de **Hamlet**. Segundo **O Espectro**, matou o irmão com veneno despejado no ouvido no pomar e seduziu a rainha. Reina com discurso medido e o Conselho a seu lado, mantém o sobrinho perto e vigiado, e confessa o crime em cena só quando está sozinho e tenta rezar.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, anuncia o casamento com Gertrudes, envia emissários à Noruega e deixa Laertes voltar à França. Pede a Hamlet que abandone o luto e fique em Elsinore, e a rainha insiste. Lacerda lê essa cena como a primeira das três reuniões da corte, com Cláudio em vantagem: o sobrinho mantido no castelo, perto e vigiado.

Na **cena 2 do Ato II**, chama Rosencrantz e Guildenstern, com Gertrudes, para sondar Hamlet, e ouve de Voltimand e Cornélio as notícias da Noruega e de **Polônio** a tese de que o príncipe enlouqueceu de amor. Na **cena 1 do Ato III**, esconde-se com Polônio para espiar o encontro de Hamlet com **Ofélia**, vê que não é amor e decide enviá-lo à Inglaterra.

Na **cena 2 do Ato III**, na Ratoeira, vê reproduzido o seu crime: o ator derrama o veneno no ouvido do rei adormecido. Levanta-se, manda acender as luzes e sai. Na **cena 3 do Ato III**, sozinho, confessa o assassinato do irmão e tenta rezar, mas não consegue enquanto conserva a coroa e a rainha.

“Pode-se obter o perdão conservando os lucros da ofensa?” (III.3)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

Na **cena 1 do Ato IV**, ouve de Gertrudes a morte de Polônio, vê na liberdade do enteado uma ameaça a todos e decide embarcá-lo. Na **cena 3 do Ato IV**, explica aos conselheiros que não pode puni-lo pela lei, porque o povo o ama, e revela, sozinho, que as cartas ao rei inglês exigem a morte do príncipe. Na **cena 5 do Ato IV**, acalma Laertes, que invade o castelo à frente de uma turba que o aclama rei.

Na **cena 7 do Ato IV**, chega uma carta de Hamlet anunciando a volta, e o rei conduz Laertes ao plano do duelo: uma espada sem proteção, à qual o próprio Laertes acrescenta o veneno da ponta, e um cálice envenenado de reserva, que é ideia de Cláudio. Para isso o rei usa esta lógica:

“Aquilo que desejamos fazer, / Devemos fazer na hora da vontade, pois ela flutua” (IV.7)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Na **cena 2 do Ato V**, o desafio chega por Osric. Gertrudes bebe o vinho envenenado, Laertes é ferido pela própria lâmina e acusa o rei, e Hamlet crava a lâmina nele e depois o faz beber o vinho envenenado.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda lê a frase de Marcelo sobre o podre no reino como síntese de uma ideia que volta ao longo da peça: a doença que apodrece o corpo é o equivalente físico das falhas morais, e as imagens do Ato I vão do jardim abandonado à serpente que usa a coroa e ao veneno que coalha o sangue.

O texto mostra Cláudio dividido entre o que faz em público e o que sabe em privado. Na **cena 2 do Ato I**, fala à corte com medida; na **cena 3 do Ato III**, sozinho, admite que não consegue rezar enquanto conserva a coroa e a rainha.

O argumento que Cláudio usa para conduzir Laertes é o que Hamlet usava contra si mesmo: a vontade flutua, e o dever que não se cumpre na hora vira suspiro inútil. É o adiamento de Hamlet visto pelo inimigo como a fraqueza a não imitar, e o plano que daí sai acaba por se virar contra o próprio rei.

RELAÇÕES

- **Hamlet**: o sobrinho e enteado, a quem prende em Elsinore, manda à Inglaterra com cartas de morte e arma o duelo. É morto por ele no fim.
- **Gertrudes**: a rainha, que ele casou e que bebe, no duelo, o cálice que era para Hamlet.
- **Polônio**: o conselheiro que arma com ele o encontro de Hamlet e Ofélia, e que morre atrás da tapeçaria.
- **Laertes**: o filho enfurecido de Polônio, que ele acalma e transforma em executor.
- **O Espectro**: o irmão assassinado, que exige vingança.

GERTRUDES

QUEM É

Gertrudes é a rainha da Dinamarca, mãe de **Hamlet**, viúva do rei morto e esposa de **Cláudio**, irmão dele. É a figura sobre a qual a peça diz menos e, por isso, mais se discute: o quanto ela sabe do crime fica em aberto. **O Espectro** pede a Hamlet que a poupe, e ela atravessa a peça entre o marido e o filho, protegendo o filho e bebendo, no fim, o cálice que o rei preparou para ele.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, aparece ao lado de Cláudio na corte e insiste com Hamlet para que fique em Elsinore. Na **cena 5 do Ato I**, o Espectro, ao pedir vingança, pede também que ela seja poupada: Cláudio, diz o Espectro, a seduziu, mas o filho não deve tocá-la.

Na **cena 2 do Ato II**, chama Rosencrantz e Guildenstern com Cláudio para sondar o príncipe. Na **cena 1 do Ato III**, ouve dos dois que não descobriram a causa do estado dele. Polônio sugere que a rainha o confronte depois da peça, e na **cena 2 do Ato III** os mesmos amigos trazem o chamado dela, que Hamlet recebe zombando.

Na **cena 4 do Ato III**, no quarto, Hamlet a confronta até ela gritar por socorro, e ao ouvir Polônio se agitar atrás da tapeçaria atravessa a cortina. Depois a censura diante dos retratos dos dois maridos, e o Espectro reaparece, visível só para o filho.

“Não ireis embora até eu vos apresentar um espelho, / Onde verás o que existe dentro de vós.” (III.4)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

Na **cena 1 do Ato IV**, transtornada, conta a Cláudio que Hamlet matou Polônio ao golpear o arrás, e para protegê-lo diz que o filho chora pelo que fez. Na **cena 5 do Ato IV**, recebe **Ofélia** enlouquecida, a pedido de **Horácio**. Na **cena 7 do Ato IV**, é ela quem entra e conta que Ofélia se afogou num riacho, ao cair de um galho. Na **cena 2 do Ato V**, bebe o vinho envenenado no duelo.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda observa que no Primeiro Quarto Gertrudes jurava ignorar o crime e se punha ao lado do filho contra Cláudio, e que esses versos saíram do texto que se lê hoje, o que deixa em aberto o quanto a rainha sabe.

A rainha que não vê o Espectro na **cena 4 do Ato III** é a mesma que, na **cena 1 do Ato IV**, diz ao marido que o filho chora pelo que fez. Nas duas cenas a peça mostra o que ela escolhe ver e dizer, e o que sabe de fato continua em aberto até o cálice do Ato V.

RELAÇÕES

- **Hamlet**: o filho que a acusa e que ela defende diante do rei.
- **Cláudio**: o marido e cunhado, com quem divide o trono e a quem conta, na **cena 1 do Ato IV**, a morte de Polônio.
- **O Espectro**: o primeiro marido, que pede que ela seja poupada e não é visto por ela.
- **Polônio**: o conselheiro que morre atrás da tapeçaria do quarto, enquanto ela estava com Hamlet.
- **Ofélia**: a moça que ela recebe enlouquecida e de cuja morte dá a notícia.
- **Laertes**: o irmão de Ofélia, a quem ela anuncia o afogamento.

POLÔNIO

QUEM É

Polônio é o conselheiro do rei, pai de **Laertes** e de **Ofélia**. Perde-se no meio das próprias instruções, e a peça o mostra sempre num esconderijo: manda espionar o filho em Paris, se esconde para ouvir a filha com o príncipe e acaba atrás da tapeçaria do quarto da rainha, onde morre, golpeado por **Hamlet**, que o toma por **Cláudio**.

TRAJETÓRIA

Na **cena 3 do Ato I**, despede-se de Laertes com uma lista de preceitos de conduta, e depois interroga a filha sobre o príncipe: chama as juras dele de moeda falsa e proíbe qualquer nova conversa. Ofélia obedece.

“Isto acima de tudo: Sê verdadeiro contigo mesmo, / E por força seguir-se-á, como a noite segue ao dia, / Que não serás falso a homem algum” (I.3)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

Na **cena 1 do Ato II**, dá dinheiro a Reinaldo e o manda a Paris investigar Laertes por meio de pequenas calúnias, e se perde no meio das próprias instruções. Ofélia entra assustada, contando o aspecto do

príncipe, e Polônio conclui que é loucura de amor, lamenta ter desconfiado dele e corre a contar ao rei.

“Vedes como, com a isca da mentira, / Pescastes o peixe da verdade?” (II.1)

Ato II: A loucura fingida e a armadilha do teatro

Na **cena 2 do Ato II**, anuncia os mensageiros da Noruega, traz a Cláudio e a Gertrudes uma carta de amor do príncipe e propõe espia-lo com Ofélia. Hamlet zomba dele. Na **cena 1 do Ato III**, esconde-se com o rei para ouvir Hamlet e Ofélia e sugere que a rainha o confronte depois da peça. Na **cena 2 do Ato III**, confirma o chamado dela. Na **cena 3 do Ato III**, avisa que vai se esconder no quarto da rainha.

Na **cena 4 do Ato III**, é o esconderijo que o mata: ao ouvi-lo se agitar atrás do arrás, Hamlet atravessa a cortina com a espada, convencido de que mata o rei. Na **cena 3 do Ato IV**, Hamlet diz que ele está numa ceia, comido por vermes. Na **cena 5 do Ato IV**, Cláudio admite que ele foi enterrado em segredo e que Laertes voltou da França.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda lê o Ato II como um jogo de vigilância em cadeia: Polônio espiona o filho em Paris, o rei e a rainha pagam amigos de infância para espionar Hamlet, e Polônio ainda planeja esconder-se para ouvir o príncipe com a própria filha. O castelo vira uma casa onde todos vigiam todos, e as tramas de pai e filho se espelham: Laertes espionado pelo pai, Hamlet pelo padrasto.

O Ato III é feito de cenas armadas para um observador: Cláudio e Polônio se escondem para ver Hamlet e Ofélia, Hamlet encomenda uma peça para vigiar o rosto do rei, e Polônio se esconde de novo atrás da tapeçaria. É esse último esconderijo que termina em morte, e quem morre é o próprio espião.

RELAÇÕES

- **Laertes**: o filho, a quem aconselha e manda espionar; a morte do pai o traz de volta a Elsinore.
- **Ofélia**: a filha, a quem proíbe de ver Hamlet e a quem usa de isca no encontro armado.
- **Hamlet**: o príncipe que ele acredita louco de amor e que o mata sem saber quem é.
- **Cláudio**: o rei a quem serve de espião e conselheiro.
- **Gertrudes**: a rainha, em cujo quarto ele se esconde.

OFÉLIA

QUEM É

Ofélia é a filha de **Polônio** e irmã de **Laertes**, e a moça que **Hamlet** cortejou. Obedece ao pai e ao irmão sem discutir, devolve as cartas e recusa as visitas por ordem de Polônio, é usada como isca no encontro armado e perde o pai, morto pelo príncipe. Enlouquece, canta e distribui flores no Ato IV, e morre afogada num riacho, ao cair de um galho.

TRAJETÓRIA

Na **cena 3 do Ato I**, Laertes lhe diz que o amor do príncipe é passageiro e que um herdeiro não escolhe por si, e Polônio, o pai, chama as juras de moeda falsa e proíbe qualquer nova conversa. Ofélia obedece.

Na **cena 1 do Ato II**, entra assustada para contar ao pai que o príncipe apareceu desganhado, apertou-lhe o pulso, suspirou e saiu sem tirar os olhos dela. Diz que, por ordem dele, devolveu as cartas e recusou as visitas. Na **cena 1 do Ato III**, é posta diante de Hamlet com o rei e Polônio escondidos, ouve dele a dureza e a ordem de ir para um convento, e Cláudio conclui que não é amor.

Na **cena 5 do Ato IV**, semanas depois, é recebida por Gertrudes, enlouquecida, cantando sobre o pai morto e o amor perdido. Reaparece com flores e canções, e Laertes, abalado, aceita ouvir o rei.

“sabemos o que somos, mas não o que podemos ser” (IV.5)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Na **cena 7 do Ato IV**, Gertrudes conta que ela se afogou num riacho, ao cair de um galho. Na **cena 1 do Ato V**, dois coveiros discutem se um suicídio merece enterro cristão, e o cortejo chega sem os ritos plenos. Laertes salta na cova, e Hamlet se revela.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda contrasta as duas loucuras: a de Hamlet era calculada, a de Ofélia é descontrolada e, ao mesmo tempo, poética. Ela sai da mudez obediente e passa a falar por canções, provérbios e flores, cada uma com um sentido por trás, e Laertes percebe que há mensagens no desvario.

Na **cena 3 do Ato I** e na **cena 1 do Ato II**, Ofélia cumpre a ordem de não ver o príncipe, e é por obediência que entra na **cena 1 do Ato III** como isca. No Ato IV, a loucura lhe dá a voz que a obediência não dava: as canções e as flores dizem a Cláudio, a Gertrudes e a Laertes o que ela não podia dizer.

RELAÇÕES

- **Polônio**: o pai, que a proíbe de falar com Hamlet e cuja morte a enlouquece.
- **Laertes**: o irmão, que a adverte do amor do príncipe e cuja volta a encontra enlouquecida.
- **Hamlet**: o príncipe que a cortejou e a trata com dureza no encontro armado.
- **Cláudio**: o rei que a vê enlouquecida e usa a dor de Laertes.
- **Gertrudes**: a rainha que a recebe e conta a sua morte.
- **Horácio**: o amigo do príncipe que convence a rainha a recebê-la.

LAERTES

QUEM É

Laertes é o filho de **Polônio** e irmão de **Ofélia**. Parte para a França com a licença do rei e, quando a morte do pai o traz de volta, reúne uma turba que o aclama rei e invade o castelo, e é em seguida enredado por **Cláudio** num duelo com a espada envenenada. É o filho que também quer vingar o pai, e a peça o faz espelho de **Hamlet**.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, Cláudio o deixa voltar à França. Na **cena 3 do Ato I**, antes de embarcar, avisa Ofélia de que o amor do príncipe é passageiro e de que um herdeiro não escolhe por si, e recebe do pai a lista de preceitos de conduta. Na **cena 1 do Ato II**, é objeto da vigilância de Polônio, que manda Reinaldo investigá-lo em Paris.

Na **cena 5 do Ato IV**, invade o castelo à frente de uma turba que o aclama rei e exige o pai. O rei o acalma, mas Ofélia reaparece com flores e canções e Laertes, abalado, aceita ouvi-lo. Na **cena 7 do Ato IV**, deixa-se conduzir por Cláudio ao plano do duelo: uma espada sem proteção, à qual ele mesmo acrescenta o veneno da ponta.

Na **cena 1 do Ato V**, no cemitério, salta na cova de Ofélia, e Hamlet se revela e pula atrás dele; os dois lutam até serem separados. Na **cena 2 do Ato V**, fere Hamlet com a espada envenenada e, trocadas as armas, é ferido pela própria lâmina. Acusa o rei antes de morrer.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda lê o Ato IV como uma sequência de espelhos: Laertes é o filho que também quer vingar o pai e, para ele, o herói tornou-se o vilão por ter matado Polônio. A conclusão é que a justiça que a vingança promete depende do ponto de vista, e Lacerda nota que Laertes, ao reunir conspiradores e quase tomar o trono, faz o que Hamlet não fez.

Laertes entra em cena como o filho que obedece ao pai e sai como o que aceita o plano do rei e ainda o reforça com o veneno. É o executor perfeito do que Cláudio quer, e a espada que usa é a que o mata, no desfecho, depois de ele reconhecer que está sendo punido pela sua traição.

RELAÇÕES

- **Polônio**: o pai, cujo conselho ele recebe na partida e cuja morte o traz de volta.
- **Ofélia**: a irmã, a quem aconselha a se afastar de Hamlet e que ele encontra enlouquecida.
- **Hamlet**: o príncipe que matou o pai, e a quem fere, e por quem é ferido, no duelo.
- **Cláudio**: o rei que o acalma, o arma e o usa.
- **Gertrudes**: a rainha que lhe conta o afogamento da irmã.

HORÁCIO

QUEM É

Horácio é o amigo de **Hamlet**, a quem leva a notícia do Espectro. Fica ao lado do príncipe sem ser da corte, vigia por ele o rosto do rei na Ratoeira, recebe dele a carta do navio e sobrevive ao duelo, como o único que não se desviou e que deve contar a história.

TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, espera na muralha com Marcelo e vê o Espectro, que some sem lhe responder, e decide contar tudo ao príncipe. Na **cena 2 do Ato I**, conta a Hamlet da aparição, e na **cena 4 do Ato I** e na **cena 5 do Ato I** está ao lado dele quando o Espectro surge e jura silêncio sobre a espada.

Na **cena 2 do Ato III**, Hamlet lhe pede que vigie o rosto do rei durante a cena do envenenamento. Na **cena 5 do Ato IV**, convence Gertrudes a receber Ofélia enlouquecida. Na **cena 6 do Ato IV**, marinheiros lhe entregam a carta de Hamlet, que o chama a se encontrar com ele.

“vem encontrar-te comigo com a mesma rapidez com que fugirias da morte” (IV.6)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Na **cena 1 do Ato V**, acompanha o príncipe ao cemitério, diante das caveiras e do crânio de Yorick. Na **cena 2 do Ato V**, ouve dele a história da carta trocada e, no fim, recebe o pedido de contar a sua

história.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda lê o fim como paz para Hamlet e desastre para a Dinamarca: a família real morre inteira, o reino acaba anexado à Noruega, e Horácio sobrevive como o único que não se desviou e deve contar a história.

Horácio é o espectador de dentro. Vê o Espectro antes do príncipe, vigia o rei a pedido dele, recebe a carta e a história, e é a ele que cabe, no fim, contar o que aconteceu.

RELAÇÕES

- **Hamlet**: o amigo a quem serve de testemunha e de confidente.
- **O Espectro**: a aparição que ele vê primeiro e conta ao príncipe.
- **Cláudio**: o rei cujo rosto ele vigia na Ratoeira.
- **Gertrudes**: a rainha a quem convence a receber Ofélia.
- **Ofélia**: a moça enlouquecida cuja visita ele consegue.

O ESPECTRO

QUEM É

O Espectro tem o rosto e a armadura do rei morto, pai de **Hamlet**. Aparece às sentinelas na muralha, depois ao filho, e diz estar preso a tormentos até purgar os seus crimes. Revela que foi morto por **Cláudio**, que lhe despejou veneno no ouvido enquanto dormia no pomar, e pede vingança. Pede também que **Gertrudes** seja poupada. A peça nunca resolve se o que o filho vê é de fato o pai: o próprio Hamlet admite que pode ser um espírito bom ou um diabólico.

TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, surge duas vezes às sentinelas e a **Horácio**, e some sem responder, quando o galo canta. A primeira fala da peça é a pergunta que a sentinela faz no escuro:

“Quem está aí?” (I.1)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

Na **cena 4 do Ato I**, acena a Hamlet e o leva para longe dos amigos.

Na **cena 5 do Ato I**, a sós com o filho, diz que foi morto por Cláudio com veneno no pomar e que o irmão seduziu a rainha, e pede vingança sem ferir Gertrudes. Quando Hamlet faz os amigos jurarem silêncio, a voz do Espectro ecoa do subterrâneo. Na **cena 4 do Ato III**, reaparece no quarto da rainha, visível só para o filho.

TEMAS QUE ENCARNA

Para muitos críticos, diz Lacerda, a primeira pergunta da peça, “Quem está aí?”, é um mote que percorre o texto todo. O ato I vive disso: o Espectro tem o rosto do rei, mas não se sabe o que traz.

O Espectro entra por dois lados ao mesmo tempo, o do dever e o da dúvida. A ordem que dá é clara, e a natureza de quem a dá, não, e é dessa distância que nasce a necessidade de prova que leva Hamlet ao teatro.

RELAÇÕES

- **Hamlet:** o filho a quem manda vingar o pai e que o vê ainda uma vez, no quarto da rainha.
- **Cláudio:** o irmão que o matou com veneno no ouvido.
- **Gertrudes:** a viúva que ele pede que seja poupada.
- **Horácio:** a testemunha que o vê antes do príncipe.

FORTIMBRÁS

QUEM É

Fortimbrás é o jovem príncipe da Noruega, cujo pai perdeu terras que ele quer reaver. Aparece pouco, e sempre pelas margens: é o motivo dos preparativos de guerra na muralha, o contido de que falam as notícias da Noruega, o exército na planície e, no fim, quem reivindica a Dinamarca. Lacerda o lê como o outro filho com um pai a vingar e um tio no trono, e a peça o usa como espelho de **Hamlet**.

TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato I**, é a causa dos preparativos de guerra de que fala a sentinela: o jovem Fortimbrás quer reaver as terras que o pai perdeu. Na **cena 2 do Ato II**, as notícias da Noruega trazem que ele foi contido e vai atacar os poloneses.

Na **cena 4 do Ato IV**, numa planície, pede passagem pela Dinamarca para marchar contra a Polônia. Hamlet encontra o exército dele e se censura a sós, ao ouvir de um capitão que vão tomar um pedaço de terra sem valor.

“Como fico eu, então, / Que tenho o pai assassinado, a mãe desonrada, / Fortes estímulos da razão e do sangue, / E deixo estar?” (IV.4)

Ato IV: Exílio, loucura e armadilha

Na **cena 2 do Ato V**, é o nome que Hamlet, ao morrer, indica como sucessor, e chega ao castelo depois da morte da família real.

TEMAS QUE ENCARNA

Lacerda lê o Ato IV como uma sequência de espelhos: Fortimbrás é o outro filho com um pai a vingar e um tio no trono, e luta por um pedaço de terra sem valor enquanto Hamlet hesita. Lacerda lê no fim que Fortimbrás, vitorioso, pesa menos que o príncipe cujas dúvidas o público acompanhou, e que o reino acaba anexado à Noruega.

O que separa Fortimbrás de Hamlet é o que a peça mostra no Ato IV: o norueguês age por um pedaço de terra sem valor e o dinamarquês, com motivo, vontade e meios, adia. Ao reivindicar a Dinamarca, ele recebe de Hamlet o que Hamlet não pôde fazer.

RELAÇÕES

- **Hamlet:** o príncipe que, na planície, inveja o exército dele e, ao morrer, o indica como sucessor.
- **Cláudio:** o rei da Dinamarca, a quem as notícias da Noruega dizem que Fortimbrás foi contido, e de quem ele pede passagem.
- **Horácio:** quem explica na **cena 1 do Ato I** os preparativos de guerra que ele provoca.

SÍMBOLOS

A RATOeira

O QUE É

A peça dentro da peça: O assassinato de Gonzago, que Hamlet encomenda aos atores e encena diante de Cláudio com o crime do pai reproduzido em cena, e a que dá, na hora, o título de A Ratoeira. É a armadilha montada para apanhar o rei: se ele se trair ao ver o veneno derramado no ouvido do rei adormecido, a culpa está provada. O título é improvisado do personagem, e o motivo do rato se estende, duas cenas depois, ao quarto da rainha, em que o primeiro bicho apanhado é o Polônio escondido atrás da cortina.

ONDE APARECE

Na cena 2 do Ato II, Hamlet pede aos atores a peça O assassinato de Gonzago e, sozinho, decide testar o rei pelo teatro, depois de se censurar pela própria inação.

“Com a peça revelarei / O segredo íntimo do rei” (II.2)

Ato II: A loucura fingida e a armadilha do teatro

Na cena 2 do Ato III, Hamlet pede a Horácio que vigie o rosto do rei, a pantomima e a peça reproduzem o assassinato no pomar, e Cláudio se levanta, manda acender as luzes e sai. Perguntado pelo nome da peça, Hamlet responde A Ratoeira, e acrescenta que ela não atinge quem tem a alma livre de culpa.

“A Ratoeira. Curioso, não? Mas é apenas fantasia. A Vossa Majestade e a nós, que temos almas livres de culpa, ela não atinge.” (III.2)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

Na cena 3 do Ato III, a prova que a peça arrancou ao rei ganha a plateia: Cláudio, sozinho, confessa o crime e tenta rezar, e Hamlet, que o encontra de joelhos, poupa-o.

“Pode-se obter o perdão conservando os lucros da ofensa?” (III.3)

Ato III: A Ratoeira e a morte de Polônio

Na cena 4 do Ato III, a ratoeira se desloca para o quarto da rainha: Hamlet fura com a espada a cortina atrás da qual alguém se agita, convencido de que apanha o rei, e o rato é Polônio. Na mesma cena, Hamlet desconfia de que Rosencrantz e Guildenstern o conduzem a uma armadilha na viagem à Inglaterra.

Hamlet ao ouvir alguém atrás da cortina no quarto da mãe: “Ora essa! Um rato?”

Hamlet

Na cena 2 do Ato V, o motivo fecha o ciclo: Laertes, ferido pela própria lâmina envenenada, compara-se a uma isca que cai na própria armadilha e diz ser executado pela sua traição.

O QUE SIGNIFICA

Lacerda lê a peça dentro da peça como o fim da indecisão de Hamlet: depois da Ratoeira, ele sabe o que fazer e só procura a ocasião. O próprio Lacerda nota, porém, que a prova é frágil, no máximo um indício, porque a reação do rei também poderia ser a indignação de um inocente ultrajado ou o medo diante de um sobrinho que mata o tio.

A Ratoeira vale como emblema da peça porque nenhuma armadilha apanha só o alvo. A que Hamlet monta para o rei prova a culpa e, duas cenas depois, o primeiro corpo que ela deixa é o do espião errado, e no fim a armadilha que Cláudio e Laertes armam contra Hamlet se fecha sobre os dois. O objeto que serve para descobrir a verdade é o mesmo que multiplica as mortes.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Vingança, Aparência e realidade, Ação e inação.
- Personagens: **Hamlet**, **Cláudio**, **Polônio**, **Horácio**, **Laertes**.
- Símbolos vizinhos: **O veneno**, que a peça encenada reproduz no ouvido do rei adormecido.
- **Hamlet**, a peça.

O VENENO

O QUE É

O veneno que mata o rei velho, derramado no ouvido enquanto ele dormia no pomar, e que volta, de cena em cena, como instrumento de plano e de vingança: na peça encenada diante da corte, na espada que **Laertes** propõe ungir, no cálice de reserva que **Cláudio** acrescenta ao duelo, e no vinho e na lâmina que acabam por matar a rainha, Laertes, o próprio rei e **Hamlet**. É o crime em forma de substância, e a imagem do que corrói a corte por dentro.

ONDE APARECE

Na **cena 5 do Ato I**, **O Espectro** conta a Hamlet que Cláudio lhe despejou veneno no ouvido enquanto ele dormia no pomar e que o efeito foi imediato no sangue. A história oficial, de que uma serpente o picou, enganou a Dinamarca inteira.

Na **cena 2 do Ato III**, a pantomima e a peça reproduzem o crime: o ator derrama o conteúdo de um frasco no ouvido do rei adormecido, e é a visão do veneno em cena que faz Cláudio se levantar e sair.

Na **cena 7 do Ato IV**, Cláudio e Laertes combinam o duelo: a espada de Laertes terá a ponta ungida com veneno, e o rei prepara um cálice envenenado de reserva para o caso de a espada falhar.

Na **cena 2 do Ato V**, o plano funciona e se volta contra quem o armou. Gertrudes bebe o vinho envenenado, Laertes fere Hamlet com a espada envenenada e, trocadas as armas, é ferido por Hamlet com a mesma espada, e Hamlet crava a lâmina no rei e o faz beber o cálice.

O QUE SIGNIFICA

Lacerda lê as imagens do primeiro ato como uma doença que apodrece o corpo, equivalente físico das falhas morais: do jardim abandonado à serpente que usa a coroa e ao veneno que coalha o sangue. No desfecho, ele vê o veneno como o núcleo de podridão que vinha fermentando desde antes de a peça começar e que, no duelo, começa a jorrar.

O veneno circula pelo mesmo caminho que a culpa. Entra pelo ouvido do rei, é encenado no teatro, passa para a lâmina de Laertes e para o cálice, e acaba voltando contra quem o inventou. Nenhum veneno da peça atinge só o alvo previsto: o de Cláudio mata o irmão, depois a mulher, o cúmplice, o enteado e ele mesmo.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Corrupção e decadência, Morte, Vingança.
- Personagens: Cláudio, O Espectro, Laertes, Gertrudes, Hamlet.
- Símbolos vizinhos: A Ratoeira, que reencena o veneno no ouvido do rei, e O jardim não capinado, o pomar onde o crime se deu.
- Hamlet, a peça.

O JARDIM NÃO CAPINADO

O QUE É

O jardim abandonado que Hamlet vê no mundo no primeiro monólogo, um jardim que se multiplica, possuído pelas coisas podres e grosseiras da natureza. A imagem se desdobra no pomar onde o rei velho dormia quando foi envenenado, no "algo de podre" que as sentinelas sentem no reino e no pedido de Hamlet à mãe para que não derrame o estrume sobre o capim.

ONDE APARECE

Na cena 2 do Ato I, sozinho, Hamlet lamenta a pressa do casamento da mãe e compara o mundo a um jardim abandonado, tomado pelo que há de podre e grosseiro. Antes, a corte reunida sob Cláudio mostrou o contrário: um discurso medido, o pedido de que o luto acabe e a aparência de ordem.

Na cena 4 do Ato I, ao ver Hamlet sumir atrás do O Espectro, Marcelo diz que há algo de podre no reino da Dinamarca.

“Há algo de podre no reino da Dinamarca” (I.4)

Ato I: O Espectro e a ordem de vingança

Na cena 5 do Ato I, o Espectro conta que dormia no pomar, hábito das suas tardes, quando Cláudio entrou e lhe despejou veneno no ouvido, e que a história corrente é que uma serpente o picou enquanto dormia no jardim. O lugar da calma vira o lugar do crime.

Na cena 2 do Ato III, a peça encenada diante da corte repete o cenário: o ator-rei se deita no pomar, e o envenenador lhe derrama o frasco no ouvido.

Na cena 4 do Ato III, Hamlet pede à mãe que se confesse, que se arrependa do passado e que não derrame o estrume sobre o capim, para não torná-lo mais reles: a imagem do jardim, agora, é uma exortação.

O QUE SIGNIFICA

Lacerda lê a frase de Marcelo como síntese de uma ideia que volta ao longo da peça: a doença que apodrece o corpo é o equivalente físico das falhas morais. As imagens do primeiro ato vão nessa linha, do jardim abandonado à serpente que usa a coroa e ao veneno que coalha o sangue.

O jardim abandonado aparece primeiro como estado do mundo, mato que cresce por si, e depois se revela efeito de um ato: na fala do Espectro, alguém entrou no pomar e deixou o rei morto. Quando Hamlet pede à mãe que não adube o capim, ele deixa de descrever o jardim e pede que ela pare de contribuir para ele.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Corrupção e decadência, Aparência e realidade, Morte.
- Personagens: Hamlet, Cláudio, O Espectro, Gertrudes.
- Símbolos vizinhos: O veneno, que o pomar guarda, e A Ratoeira, que o reencena.
- Hamlet, a peça.

DISCUSSÕES

A OBRA INTEIRA

O que o texto estabelece sobre a natureza do Espectro, e o que a peça deixa em aberto de propósito?

Se a fala final é de Fortimbrás, o que muda no julgamento sobre o heroísmo de Hamlet?

Ofélia mudaria o veredito sobre Hamlet? Rompida com ele por ordem do pai, é rejeitada por ele na **cena 1 do Ato III** e perde o pai, morto pelo príncipe, e a peça não encena a morte dela, só a narra pela boca de Gertrudes.

Horácio sobrevive e recebe o encargo de contar a história de Hamlet: o que o texto mostra dele que explique essa escolha?

ATO I: O ESPECTRO E A ORDEM DE VINGANÇA

Por que Cláudio faz questão de que Hamlet não volte a Wittenberg, enquanto deixa Laertes partir para a França?

O que cada um, Laertes e Polônio, parece querer proteger ao mandar Ofélia se afastar de Hamlet?

Hamlet promete apagar da memória tudo o que não seja a ordem do pai: o que se perde quando alguém decide viver por um único mandamento?

ATO II: A LOUCURA FINGIDA E A ARMADILHA DO TEATRO

Hamlet diz que a Dinamarca é uma prisão, mas Rosencrantz e Guildenstern não a veem assim: por que ele a vê assim e os amigos não?

ATO III: A RATOEIRA E A MORTE DE POLÔNIO

O que a reação do rei à peça prova de fato, e a quem ela prova?

Hamlet poupa Cláudio porque ele está rezando. O que essa recusa pesa no que acontece depois, no mesmo ato?

Por que a rainha não vê o Espectro, que Hamlet vê tão claramente neste quarto?

ATO IV: EXÍLIO, LOUCURA E ARMADILHA

Hamlet diz que o rei é uma coisa feita de nada: de que rei ele está falando?

Por que Hamlet inveja Fortimbrás, que vai lutar por um pedaço de terra sem valor?

O que as canções e as flores de Ofélia dizem a Cláudio, a Gertrudes e a Laertes?

O que, na cena, leva Laertes a confiar em Cláudio e a aceitar o plano do duelo?

ATO V: CEMITÉRIO E DUELO

O que muda entre o que Hamlet diz de si na planície, no Ato IV, e o que diz a Horácio antes do duelo?